

É objectivo deste artigo analisar em que medida a experiência migratória individual e/ou familiar dos dirigentes cabo-verdianos do P.A.I.G.C. (Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde) foi determinante para as suas trajetórias políticas. Para tal, e com base nos elementos recolhidos para elaboração da tese de doutoramento²², interessámo-nos pelas trajetórias de vida dos fundadores oficiais do referido partido, nascidos em Cabo Verde. Interessámo-nos também pelas dos dois irmãos Cabral, Amílcar e Luís, que considerámos como bi-nacionais, pois apesar de terem nascido na Guiné-Bissau, eram filhos de cabo-verdianos, efectuaram os estudos primários e secundários no arquipélago, e sobretudo, afirmaram-se como tal.

Foi também objecto do nosso interesse as trajetórias de vida dos dirigentes partidários nascidos em Cabo Verde e que foram membros do *Bureau* Político, mais tarde, Conselho Executivo da Luta, eleitos até à realização do IIIº e último Congresso do P.A.I.G.C., em 1977 em Bissau. Para efeitos de análise, as experiências migratórias individuais ou familiares consideradas são as estadias que implicaram a mudança de residência oficial para um país estrangeiro ou para outro território do espaço imperial português, exceptuando as exclusivamente relativas à prossecução de estudos no ensino superior ou técnico e ainda as ligadas à prestação do serviço militar obrigatório.

Breve apresentação histórica

Foi com a independência da Índia, em 1947, que teve início o processo de emancipação dos territórios colonizados por países europeus. Em 1955, na Conferência de Bandung, na Indonésia, os representantes políticos dos países asiáticos e africanos afirmaram o seu compromisso na luta contra o colonialismo. Na África a sul do Sahara, o Gana foi o primeiro país a tornar-se independente, em 1957. No ano seguinte, em 1958, foi a vez da Guiné-Cobakry e em 1960 15 países deste continente proclamaram a independência política. 1959 foi o ano da Revolução Cubana e em 1962 a Argélia

²² “Os dirigentes do P.A.I.G.C. (Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde) da fundação à ruptura – estudo de trajetórias individuais, de estratégias familiares e de ideologias”, Universidade de Paris I – Panthéon – Sorbonne, 2005.

tornou-se o primeiro país do continente africano a obter a independência após um conflito armado.

Em Portugal, onde desde 1933 vigorava o regime de extrema-direita do *Estado Novo*, o Império começou a ruir em 1961 com a anexação dos territórios de Goa, Damão e Diu pela União Indiana. Nesse mesmo ano, teve início a chamada «guerra colonial» no território de Angola. Foi no âmbito deste processo, que, de acordo com as fontes oficiais, o P.A.I.G.C. foi fundado na clandestinidade em Bissau, a 19 de Setembro de 1956. No ano de 1963 teve início a luta armada no território da actual Guiné-Bissau. Em 1972 organizaram-se eleições nas chamadas “regiões libertadas”, com vista à constituição da Assembleia Nacional Popular, que devia proclamar unilateralmente a independência. Esta proclamação foi feita a 24 de Setembro de 1973, após o assassinato do líder histórico do P.A.I.G.C., Amílcar Cabral, a 20 de Janeiro do mesmo ano, em Conakry. A independência da Guiné-Bissau foi então reconhecida pela maioria dos países da O.N.U. Foi com o golpe de Estado militar a 25 de Abril de 1974 em Portugal que se viabilizaram as negociações com vista à independência de Cabo Verde. O P.A.I.G.C. dominou então as outras forças políticas existentes no arquipélago, criadas, na sua maioria²³, após o 25 de Abril, e a independência de Cabo Verde foi proclamada a 5 de Julho de 1975. A partir dessa data, o país passou a viver sob um regime de partido único que apresentava uma originalidade: o mesmo partido dirigia a vida política de dois estados independentes, Cabo Verde e a Guiné-Bissau. Esta situação manteve-se até 1980. No dia 14 de Novembro desse ano, houve um golpe de Estado militar na cidade de Bissau, que acabou por levar à ruptura do P.A.I.G.C. Ainda de acordo com a versão oficial, o P.A.I.G.C. teve 6 fundadores, a saber : Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Fernando Fortes, Luís Cabral, Júlio Almeida e Elysée Turpin.

No que diz respeito à estrutura de direcção partidária, aquando da realização do Iº Congresso deste partido, em Cassacá, na Guiné-Bissau, no ano de 1964, ficou definido que o seu principal órgão de direcção política entre 2 Congressos era o Comité Central. Por sua vez, o *Bureau* Político, com um número mais reduzido de membros, podia tomar decisões quando o Comité Central não se reunisse. Ora, a partir de 1970, o Comité Central passou a denominar-se Conselho Superior da Luta e o *Bureau* Político, Conselho Executivo da Luta, este último, com membros eleitos de entre os do Conselho

²³ Exceptuando a UPICV (União dos Povos para a Independência de Cabo Verde).

Superior da Luta. Por sua vez, os membros do Conselho Executivo da Luta elegiam um Secretariado Permanente, constituído por 4 membros.

Aquando da realização do IIº Congresso do P.A.I.G.C., em 1973, para além de 2 fundadores, 4 indivíduos nascidos em Cabo Verde foram eleitos para o Conselho Executivo da Luta, composto na altura por 25 membros. No IIIº e último Congresso do P.A.I.G.C., em 1977, mais 3 foram eleitos, totalizando 7 nascidos em Cabo Verde, para além dos fundadores, e num conjunto de 26 membros.

Os fundadores do P.A.I.G.C.: emigrantes cabo-verdianos na Guiné

Os seis fundadores oficiais do P.A.I.G.C. nasceram entre os anos de 1923 e 1931, sendo Aristides Pereira o mais velho e Luís Cabral o mais novo. Todos os nascidos em Cabo Verde e os dois irmãos Cabral frequentaram o liceu Gil Eanes na ilha de S. Vicente, em Cabo Verde.

Apenas Amílcar Cabral²⁴ frequentou o ensino superior em Portugal. Contudo, é provável que Júlio Almeida²⁵ tenha também frequentado a célebre « Casa dos Estudantes do Império»²⁶ em Lisboa aquando do período de formação como regente agrícola. Por altura da data oficial de fundação do P.A.I.G.C., todos eles estavam ou tinham estado empregados na Guiné: Amílcar Cabral e Júlio Almeida nos Serviços

²⁴ Nascido em Bafatá, na Guiné-Bissau, em 1924, de pais cabo-verdianos, Amílcar Lopes Cabral frequentou o ensino primário na cidade da Praia, ilha de Santiago, em Cabo Verde e o secundário no Mindelo, na ilha de S. Vicente. Entre 1945 e 1950 seguiu os estudos superiores na Universidade de Lisboa, em Portugal, onde obteve a licenciatura em Agronomia. A sua vida estudantil em Mindelo e em Lisboa foi rica em experiências associativas. Trabalhou na Guiné-Bissau, em Angola e em Portugal antes de se instalar em Conakry em 1960. Em 1956, aquando da fundação do P.A.I.G.C., deu início a uma vida política activa na clandestinidade. Foi no ano em que se instalou em Conakry que teve início a sua carreira como secretário-geral deste partido, a funcionar já de forma não-clandestina, carreira essa que cessou em 1973, aquando do seu assassinato.

²⁵ Nascido em 1926 na ilha de S. Vicente, em Cabo Verde, Júlio Antão de Oliveira Almeida fez aí os estudos primários e secundários. Formou-se em Portugal como regente agrícola. Tendo-se notabilizado como jogador de futebol, foi na qualidade de guarda-redes que foi convidado a instalar-se na cidade de Bissau. Aí trabalhou no Serviço de Agricultura e Florestas. Amigo próximo de Amílcar Cabral, foi um dos fundadores oficiais do P.A.I.G.C. em 1956. Desconhecemos as suas actividades políticas no decorrer de todo o período colonial, sendo que permaneceu em Bissau. Em 1968 ele foi preso pela polícia política durante cinco meses e foi longamente interrogado. Os agentes da P.I.D.E. estavam convencidos de que levava a cabo actividades políticas, sem contudo conseguirem reunir provas. Após a independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde afastou-se da vida política. Em 1977 instalou-se na sua ilha natal com a sua família. Faleceu em 1982.

²⁶ Criada em 1944 sob proposta do Ministério das Colónias e do Comissariado da Juventude Portuguesa, esta instituição tinha como principais objectivos prestar apoio material e enquadrar ideologicamente os jovens estudantes oriundos das colónias. Tornou-se, no entanto, no principal local de socialização anti-colonialista na então metrópole, sendo que vários dos seus membros foram mais tarde dirigentes e militantes dos movimentos independentistas em África. Foi encerrada em 1965.

Provinciais de Agricultura e Florestas ; Fernando Fortes²⁷ e Aristides Pereira²⁸ nos Correios e Telégrafos ; Luís Cabral²⁹ e Elysée Turpin³⁰ na Casa Gouveia, ligada ao grupo CUF, na época a maior empresa comercial naquele território. É provável que tenham atingido os lugares de maior responsabilidade aos quais um colonizado podia

²⁷ Nascido em 1929 no Mindelo, ilha de S. Vicente, em Cabo Verde, Fernando Ferreira Fortes fez aí os estudos primários e secundários. Em 1947, com 18 anos, partiu para a Guiné-Bissau. Tendo-se tornado funcionário dos Correios, trabalhou tanto na capital como no interior do país. Fernando implicou-se em actividades de carácter político na clandestinidade e em 1956, foi um dos seis fundadores oficiais do P.A.I.G.C., sendo que a reunião realizou-se na casa que partilhava com Aristides Pereira. Em 1961 foi preso pela primeira vez pela P.I.D.E., a polícia política do Estado Novo e foi libertado em 1963. Tendo continuado a actividade política clandestina, foi novamente preso em 1966, desta vez condenado a um campo de concentração de prisioneiros políticos em Angola. Sobreviveu a estes períodos de prisão com um forte apoio da sua família, da sua esposa e filhos. Em 1971 foi posto em liberdade condicional, sendo que não podia deixar a cidade de Luanda, em Angola. Aí trabalhou numa companhia de seguros e inscreveu-se na Faculdade de Economia de Luanda, onde terminou o terceiro ano do curso. Desconhecemos a dimensão do trabalho político clandestino de Fernando Fortes, que foi provavelmente intenso e de longa duração. Em 1974, após a Revolução dos Cravos em Portugal, a polícia política foi extinta e Fernando Fortes regressou a Bissau com a sua família. Ele assumiu as funções de membro do Conselho Superior da Luta do P.A.I.G.C. e as de ministro dos Correios e Telecomunicações, até 1980. Em seguida, foi nomeado embaixador de Cabo Verde na URSS. Sofrendo de problemas de saúde desde a sua primeira prisão pela P.I.D.E., ele faleceu em Moscovo em Março de 1983. Entrevista com Irene Fortes (viúva de Fernando Fortes), a 17 de Setembro de 2000, em Amora, Portugal, em sua casa.

²⁸ Nascido em 1923 na ilha da Boavista, em Cabo Verde, filho mais novo de um padre católico cabo-verdiano, Aristides Maria Pereira fez os estudos primários e secundários na sua ilha natal, e depois em S. Vicente. Trabalhou em seguida na Boavista e em Santiago, numa situação de precariedade. Em 1948, começou a sua carreira como funcionário dos Correios, o que o levou a residir em várias regiões da futura Guiné-Bissau. Após ter participado na fundação do P.A.I.G.C. em 1956, foi em Conakry, a partir de 1960, que passou a dedicar-se inteiramente à actividade política. Foi membro dos órgãos supremos do partido e em 1973, após o falecimento de Amílcar Cabral, foi eleito seu secretário-geral. Assumiu esta responsabilidade até 1981, ano da fundação do PAICV. De 1975 a 1990, assumiu também o cargo de presidente da República de Cabo Verde. Faleceu em Portugal em 2011, sendo que residia na cidade da Praia. Entrevista com Aristides Pereira, a 6 de Maio de 1999, na cidade da Praia, Cabo Verde, no seu escritório.

²⁹ Nascido em Bissau em 1931, de pai cabo-verdiano e mãe portuguesa, Luís Severino de Almeida Cabral é, juntamente com Aristides Pereira e Fernando Fortes, um dos indivíduos com carreira mais longa no P.A.I.G.C.. Tendo ido para Cabo Verde, ilha de Santiago, com um ano de idade, seguiu aí os estudos primários, e depois os secundários no liceu Gil Eanes de S. Vicente, que terminou em Bissau. Trabalhou na cidade da Praia e em 1953, com 22 anos, regressou a Bissau, onde esteve empregado na maior empresa privada aí instalada. Em 1956 ele foi um dos fundadores oficiais do P.A.I.G.C., juntamente com o seu meio-irmão mais velho, Amílcar, entre outros. Em 1960, fugiu para Dakar. Após uma estadia de alguns anos em Conakry, a partir de 1966 passou a representar o partido no Senegal, em Ziguinchor. Foi sempre eleito para os órgãos supremos do partido, e de 1973 a 1980, foi também o primeiro presidente da República da Guiné-Bissau. Após o golpe de Estado de 1980, foi preso, residiu depois em Cuba e em Cabo Verde, e fixou residência em Portugal, onde faleceu em 2009.

Entrevistas com Luís Cabral, a 23 de Fevereiro de 1995 e a 10 de Fevereiro de 2000 em Miraflores, em sua casa.

³⁰ Nascido em 1930 em Bissau, Elysée Jean Marie William Turpin fez aí os seus estudos primários. O seu pai, Pierre Nicolas Turpin tinha estudado em St. Louis, no Senegal. Elysée Turpin trabalhou em Bissau numa empresa francesa e também na «Casa Gouveia», tal como Luís Cabral. Os arquivos da P.I.D.E./DGS informam que foi industrial. Foi preso por esta polícia política em duas ocasiões: em Abril de 1960, durante seis meses e em Abril do ano seguinte, por um período de três meses. Foi um dos seis fundadores oficiais do P.A.I.G.C. em 1956, mas desconhecemos as suas outras actividades políticas na clandestinidade. Após a independência da Guiné-Bissau não temos conhecimento de que tenha reiniciado a actividade política.

então aspirar. Contudo, para confirmar esta hipótese, seria necessário dispor de estudos mais aprofundados sobre a sociedade colonial guineense no século XX.

Pela análise da tabela abaixo, podemos constatar que 3 dos fundadores oficiais do P.A.I.G.C. nasceram na Guiné-Bissau e os outros 3, em Cabo Verde.

Tabela 2 – Locais de nascimento dos fundadores

NOMES	LOCAL DE NASCIMENTO	PAÍS DE NASCIMENTO
Almeida, Júlio	S. Vicente	Cabo Verde
Cabral, Amílcar	Bafatá	Guiné- Bissau
Cabral, Luís	Bissau	Guiné-Bissau
Fortes, Fernando	S. Vicente	Cabo Verde
Pereira, Aristides	Boavista	Cabo Verde
Turpin, Elysée	Bissau	Guiné- Bissau

Fontes: entrevistas, textos publicados, arquivos da PIDE/DGS

Os nascidos em Cabo Verde são originários das ilhas do *Barlavento*, sendo a mais representada a de S. Vicente. Esta ilha era então a segunda mais povoada do arquipélago, e também o seu centro económico, cultural e de contactos internacionais. No entanto, desde há algum tempo, ela apresentava sinais de decadência económica e social.³¹

A maioria dos fundadores nascidos na Guiné-Bissau também nasceram na capital económica da então província, Bissau. Esta cidade só se tornou capital política em 1941. Amílcar Cabral nasceu na cidade de Bafatá, então a segunda maior do país.

Ora, sabemos que dois destes três guineenses, os irmãos Cabral, passaram uma boa parte da infância e toda a adolescência em Cabo Verde, nas ilhas de Santiago e S. Vicente. Assim sendo, não só eram descendentes de cabo-verdianos, como tiveram uma vivência no arquipélago, onde se deu uma boa parte da sua socialização. Com efeito, o pai de ambos assim como a mãe de Amílcar eram oriundos da ilha de Santiago, onde a mãe de Luís tinha também crescido, apesar de ter nascido em Portugal. Sendo que, os fundadores nascidos em Cabo Verde eram emigrantes na Guiné-Bissau, estes dados

³¹ Correia e Silva, António Leão, *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*, Praia-Mindelo, Centro Cultural Português, 2000

levam-nos a colocar muito claramente a questão da emigração cabo-verdiana na Guiné, já que 5 dos 6 fundadores do movimento viveram esta experiência nas suas vidas, a nível individual ou familiar, e é um dos principais pontos que têm em comum em termos de trajectórias de vida.

Carlos Cardoso³² informa-nos que em 1950 havia 1703 cabo-verdianos na Guiné, que representavam 21,6% da população de nacionalidade portuguesa no território, chamada “civilizada”, por oposição à esmagadora maioria da população, que ao abrigo do regime do «indigenato»³³, não gozava de direitos de cidadania.

Esta presença era antiga na Guiné: Elisa Andrade evoca os pequenos proprietários cabo-verdianos em meados do século XIX³⁴ e, citando António Carreira, ela afirma que entre 1920 e 1940 os naturais do arquipélago ocupavam a maioria dos lugares na função pública³⁵.

Não tendo ainda sido realizado um estudo aprofundado sobre a presença dos cabo-verdianos na Guiné-Bissau ao longo do século XX colonial, tudo indica que, juntamente com os sírio-libaneses, teriam constituído as duas maiores comunidades estrangeiras no território durante esse período. Em termos numéricos, não se tratava da comunidade de emigrantes cabo-verdianos com maior peso. A dos Estados Unidos, por exemplo, era certamente a mais numerosa desde o início do século XX.

No seu texto sobre as raízes históricas da emigração cabo-verdiana, Cláudio Alves Furtado³⁶ afirma que, de entre as correntes migratórias para o continente africano, a que se dirigia para a Guiné-Bissau era das mais antigas e que as ligações históricas entre os dois territórios explicam este fenómeno. Assim, havia não somente comerciantes cabo-verdianos na costa da Guiné desde o início dos contactos portugueses na região, no século XV, mas também funcionários públicos, visto que os negócios entre Portugal e a costa da Guiné dependeram durante muito tempo da administração instalada no arquipélago. Podemos então pensar que há uma continuidade relativamente a este fenómeno da presença de trabalhadores cabo-verdianos na Guiné, a

³² Cardoso, Carlos, « A ideologia e a prática da colonização portuguesa na Guiné e o seu impacto na estrutura social: 1926 –1973 », In *Soronda - Revista de Estudos Guineenses*, (14) Jul. 1992, p. 29-63, Bissau, s.e., 1992, p. 51

³³ Sobre o estatuto jurídico dos indígenas ver Durieux, A., *Essai sur le statut des indigènes portugais de la Guinée, de l'Angola et du Mozambique*, Bruxelles, s.e., 1955

³⁴ Andrade, Elisa de, *Les causes profondes de l'émigration capverdienne à Dakar*, Dakar, s.e., 1971, p. 202

³⁵ Andrade, Elisa de, *id.*, *ibid.*

³⁶ Furtado, Cláudio Alves, *A Transformação das estruturas agrárias numa sociedade em mudança – Santiago, Cabo Verde, Praia-Mindelo*, ICL, 1993, p. 73

nível da função pública e no comércio, mas desconhecemos por completo as motivações destes emigrantes, que de resto podem ter evoluído ao longo do tempo.

Importa também analisar em que medida a experiência migratória do pai de dois dos fundadores, nomeadamente, Juvenal Cabral, professor primário na Guiné-Bissau durante cerca de duas décadas, influenciou a futura trajectória política dos seus filhos Amílcar e Luís. Para isso, iremos recorrer aos conceitos propostos por Pierre Bourdieu de *capital*, do qual os *agentes* dispõem de forma a elaborar as suas *estratégias no jogo social*.

Quando o autor fala em *jogo social*, trata-se de todos os aspectos que englobam a vida em sociedade. Por *agente*, entende-se, obviamente, agente social, isto é, qualquer indivíduo que actua na sociedade. O que se entende por *trajectória* destes agentes? Este conceito implica a avaliação da posição ocupada pelo agente em função da relação entre o capital actual e o capital que se detém à partida. Esta relação descreve uma *linha ascendente* ou *descendente* da trajectória³⁷.

Quando se fala de *posição ocupada pelo agente*, trata-se da posição ocupada na sociedade, isto é, relativamente aos outros agentes e sobretudo, *em relação a estes*.

Mas o que significa esta noção de *capital*? De acordo com Alain Accardo, quando se examina a natureza dos bens postos em jogo, apercebemo-nos de que podemos agrupá-los em três grandes categorias de recursos:

- os recursos de natureza económica, como o dinheiro ;
- os de natureza cultural, de entre os quais os diplomas escolares ;
- os ligados à pertença a um grupo, dos quais dispomos sob a forma de uma rede de « relações ».

Estas relações implicam que cada agente esteja disposto a pôr os seus poderes ao serviço de outro que os solicite e que, caso seja necessário, dispõe-se a fazer o mesmo. Assim, podemos considerar os diferentes grupos sociais aos quais pertencemos como redes de troca e de circulação de bens das quais cada agente tira um proveito proporcional à sua própria contribuição. Estes grupos podem ser a família, os círculos de amigos, a igreja, as associações culturais ou desportivas, os sindicatos, os partidos, a nação. Ora, estes três grandes tipos de recursos dos quais os agentes tentam apropriar-se num dado *campo* são as condições de entrada no jogo. Por este motivo se chamou

³⁷ Accardo, Alain, Introduction à une sociologie critique - Lire Bourdieu, Bordeaux, Le Mascaret, 1977, p. 206

capital aos vários recursos produzidos pela actividade de um *campo*. Também se distinguiram três variedades deste capital que correspondem aos três tipos de recursos enumerados : o *capital económico*, o *capital cultural*, e o *capital social*, entendido como uma rede de relações *mobilizáveis*³⁸.

A distinção do capital em três tipos diferentes é uma das propostas mais ricas de Bourdieu, e permitir-nos-á, efectivamente, analisar as trajectórias dos indivíduos em causa sob uma perspectiva que se tornará mais reveladora.

Na sociologia de Bourdieu existe um quarto tipo de capital: trata-se do capital simbólico.

«(...) le capital symbolique c'est l'*autorité* que confère à un agent (individu ou groupe) la reconnaissance par les autres de l'éminente valeur de ses propriétés, que celles-ci soient réelles ou imaginaires.»³⁹

Ora, todos estes tipos de capital podem ser transformados. Um certo tipo de capital pode converter-se noutra. Estes procedimentos ajudam a concretizar a ou as estratégias dos indivíduos ou dos grupos, incluindo as familiares. Accardo exemplifica com vários casos: conseguir um emprego bem remunerado utilizando para isso as suas relações é converter capital social em capital económico; comprar livros, estudar no ensino superior durante muitos anos, é transformar capital económico em capital cultural. Finalmente, ensinar gestão numa universidade de prestígio é um exemplo da transformação de capital cultural em capital económico⁴⁰.

O autor refere-se várias vezes à noção de *campo*, onde os agentes tentam apropriar-se dos diferentes tipos de capital. Que definição mais precisa ele dá desta noção ?

«Un champ est un système spécifique de relations objectives, qui permet être d'alliance et/ou de conflit, de concurrence et/ou de coopération, entre des positions différenciées, socialement définies et instituées, largement indépendantes de l'existence physique des agents qui les occupent. L'agent qui occupe la position d'employé ou de patron, de sous-officier ou d'officier supérieur, d'enfant ou de parent, de dirigeant sportif ou de simple pratiquant peut bien disparaître physiquement, la position n'en continue pas moins d'exister,

³⁸ Accardo, Alain, *op.cit.*, p. 62, 63

³⁹ Accardo, Alain, *op . cit.*, p. 81 :

«(...) o capital simbólico é a *autoridade* que é conferida a um agente (indivíduo ou grupo) pelo reconhecimento por parte dos outros do valor eminente das suas qualidades, quer estas sejam reais ou imaginárias.» (traduzido por mim)

⁴⁰ Accardo, Alain, p. 63

disponible pour un autre agent. Comme le résume excellemment la formule bien connue: «Le roi est mort, vive le roi.»⁴¹

Podemos então falar de campo económico, de campo político, de campo religioso, de campo cultural, de campo desportivo, etc., cada vez que se reúna o conjunto de características que definem objectivamente cada campo, ou seja, independentemente de tudo o que um actor consciente possa pensar e do que se possa aperceber.

Ora, podemos afirmar que todos os agentes cujos itinerários iremos estudar e analisar investiram os seus capitais e agiram a partir de uma determinada altura no campo político. É esta transição que iremos estudar.

Torna-se, então, necessário apresentar a noção de Bourdieu de *estratégia*, que se encontra no âmago da nossa reflexão:

«comme nous l'avons déjà dit, grâce à notre habitus, à notre système complexe et transposable de prédispositions durables, nous possédons tout un répertoire potentiel de pratiques adaptées d'avance à un grand nombre de situations et capables de nous assurer un rendement satisfaisant de nos investissements en capital dans tel ou tel champ. En somme, l'habitus est un *opérateur de calcul inconscient* qui nous permet de nous orienter correctement dans l'espace social sans avoir besoin d'y réfléchir.»⁴²

A noção de estratégia que utilizaremos neste estudo apresenta-se muito claramente: não se trata forçosamente de acções empreendidas de forma consciente ; trata-se, sim, de um «operador de cálculo inconsciente», como Accardo soube explicar tão bem. Por exemplo, é a existência e a acção deste operador inconsciente que explica que existam pessoas que julgam perfeitamente natural continuar os estudos até ao

⁴¹ Accardo, Alain, *op. cit.*, p. 57 : «Um campo é um sistema específico de relações objectivas, que permite que sejam de aliança e/ou de conflito, de concorrência e/ou de cooperação, entre posições diferenciadas, socialmente definidas e instituídas, grandemente independentes da existência física dos agentes que as ocupam. O agente que ocupa a posição de empregado ou de patrão, de sub-oficial ou de oficial superior, de filho ou de pai, de dirigente desportivo ou de simples praticante pode desaparecer fisicamente que a posição não deixa por isso de existir, estando disponível para outro agente. Como resume muitíssimo bem a fórmula muito conhecida: “O rei está morto, viva o rei!”» (traduzido por mim)

⁴² Accardo, Alain, *op. cit.*, p. 163 : «Como já o dissemos, graças ao nosso *habitus*, ao nosso sistema complexo e transponível de predisposições duráveis, possuímos todo um repertório potencial de práticas previamente adaptadas a um grande número de situações e capazes de nos garantir um rendimento satisfatório dos nossos investimentos em capital em tal ou tal campo. Em suma, o *habitus* é um *operador de cálculo inconsciente* que permite que nos orientemos correctamente no espaço social sem ter necessidade de reflectir.» (traduzido por mim)

ensino superior, sem porem em causa esta opção, e procedendo, no entanto, a um investimento em capital cultural, sem se aperceberem claramente deste facto.

Esta forma de pensar, de interpretar e de ver a vida está intimamente ligada ao *habitus*, o instrumento intelectual central de entre todos os da Sociologia de Bourdieu:

«Cet ensemble de dispositions à agir, penser, percevoir et sentir d'une façon déterminée constitue ce qu'il est convenu d'appeler un *habitus*. Comme le terme lui-même l'indique, l'*habitus* est l'ensemble de traits que l'on a acquis, des dispositions que l'on possède, ou mieux encore, des *propriétés* résultantes de l'appropriation de certains savoirs, de certaines expériences. Mais ces propriétés ont ceci de remarquable qu'elles nous possèdent tout autant que nous les possédons. Elles sont tellement intériorisées, incorporées, qu'elles sont devenues nous-mêmes et qu'elles ne sont pas plus dissociables de notre être que des caractéristiques physiques telles que la couleur de nos yeux.»⁴³

Esta noção de *habitus* permite-nos compreender a dualidade complexa da relação entre o indivíduo, ou agente e a colectividade, ou a sociedade. É devido ao *habitus* que o indivíduo pode viver em sociedade, mas é também por isso que ele não consegue romper totalmente com ela nem modificá-la por completo. Então, quem domina quem ? O indivíduo ou a sociedade ? Se o agente é « pré-modelado » pela sociedade, ele também é criativo e consegue sempre mudá-la, mas dentro de certos limites que ele não consegue ultrapassar completamente.

Trata-se, efectivamente, da problemática fundamental da Sociologia.

Em relação a Juvenal Cabral e aos seus filhos Amílcar e Luís, recorrendo aos conceitos de Bourdieu, podemos afirmar que o capital cultural e social adquirido pelo pai na sua experiência migratória lhes foi útil, visto que o investiram no campo político e até puderam transformá-lo em capital simbólico, tornando-se os arquitectos e os dirigentes do processo de obtenção da independência política.

⁴³ Accardo, Alain, *op. cit.*, p. 117 : «Este conjunto de disposições para agir, pensar, perceber e sentir de uma certa forma constitui o que se convém chamar um *habitus*. Como o próprio termo indica, o *habitus* é o conjunto de traços que adquirimos, de disposições que possuímos, ou melhor ainda, das *propriedades resultantes* da apropriação de certos saberes, de certas experiências. Mas estas propriedades têm algo de extraordinário que é o facto de nos possuírem tanto quanto nós as possuímos. Elas estão tão interiorizadas, incorporadas, que se tornaram nós próprios e que não são mais dissociáveis do nosso ser do que características físicas tal como a cor dos nossos olhos.» (traduzido por mim)

Os dirigentes cabo-verdianos de *segunda geração*: a importância da experiência migratória nas trajetórias dos pais

Os membros do Conselho Executivo da Luta nascidos em Cabo Verde eleitos nos segundo e terceiro Congressos do partido, que denominámos de «segunda geração», foram sete no total : Abílio Duarte⁴⁴, José Araújo⁴⁵, Pedro Pires⁴⁶, Honório Chantre Fortes⁴⁷ e depois Osvaldo Lopes da Silva⁴⁸, Silvino da Luz⁴⁹ e Olívio Pires⁵⁰. Tendo os

⁴⁴ Nascido em 1931 na cidade da Praia, ilha de Santiago em Cabo Verde, Abílio Monteiro Duarte era, como Aristides Pereira, filho de um padre católico cabo-verdiano que assumiu a sua família e educou os seus filhos. Fez os estudos primários na sua ilha natal e os secundários em S. Vicente. Em seguida, foi empregado do Banco Nacional Ultramarino em Bissau, onde participou em acções clandestinas durante os anos 1950. Regressou à cidade do Mindelo em 1959, onde começou desde logo a recrutar jovens estudantes do liceu e trabalhadores para a luta pela independência. Em 1960 conseguiu fugir para Dakar antes de ser preso pela polícia política. Abílio Duarte teve, em seguida, uma longa e diversificada carreira ao serviço do P.A.I.G.C.. Foi membro dos órgãos supremos do P.A.I.G.C. até 1980. Em 1975 tornou-se uma das personagens-chave do Cabo Verde independente, tendo assumido simultaneamente as funções de presidente da Assembleia Nacional Popular (parlamento) e as de ministro dos Negócios Estrangeiros. Faleceu em 1996.

Entrevista com Dulce Almada Duarte (viúva de Abílio Duarte), a 3 de Maio de 1999, na cidade da Praia, Cabo Verde, em sua casa.

⁴⁵ Nascido em 1933 na cidade da Praia, ilha de Santiago em Cabo Verde, José Eduardo de Figueiredo Araújo fez aí os seus estudos primários. O seu pai era funcionário da Fazenda (Finanças) e em 1942, com 9 anos de idade, partiu com a família para Angola. Foi com uma bolsa de estudos dos Correios em Angola que custeou os estudos universitários na Faculdade de Direito de Lisboa. Nesta cidade, teve uma actividade associativa intensa e em 1960 tornou-se militante do MPLA na clandestinidade. Em 1961 licenciou-se em Direito e nesse mesmo ano participou numa fuga de um grande grupo de estudantes angolanos, moçambicanos e outros em direcção à França, depois, Gana. Após ter militado no MPLA, juntou-se ao P.A.I.G.C. e em 1963 instalou-se em Conakry, com a sua família. Em 1970, seria já membro do Conselho Executivo da Luta do P.A.I.G.C. e a partir de então passou a participar na direcção partidária. Com a independência da Guiné-Bissau, assumiu as funções de ministro do Secretariado em 1973, e depois, de 1975 a 1980, foi ministro sem pasta. Nesse ano instalou-se em Cabo Verde, onde assumiu as mais elevadas responsabilidades políticas no novo contexto, nomeadamente, o cargo de ministro da Educação. Faleceu na Praia em 1992, na mesma data que Amílcar Cabral, a 20 de Janeiro. Entrevista com Amélia Araújo (viúva de José Araújo), em Maio de 1999, na cidade da Praia, Cabo Verde, em sua casa.

⁴⁶ Nascido em 1934 na ilha do Fogo, em Cabo Verde, Pedro Verona Rodrigues Pires fez os seus estudos primários, depois, secundários, nas ilhas do Fogo, Santiago e S. Vicente. Em 1956 partiu para Portugal para dar início aos estudos superiores na faculdade de Ciências de Lisboa, onde foi admitido. Mas em 1957 foi chamado a cumprir o serviço militar obrigatório. Em 1961, integrou um grupo de vários estudantes angolanos e moçambicanos que fugiram de Portugal. Desde então, Pedro Pires dedicou-se ao P.A.I.G.C., assumindo as tarefas mais diversas e preparando, durante alguns anos, um plano de invasão de Cabo Verde a partir de Cuba. Em 1965 ele integrava já os principais órgãos de direcção partidária e em 1970, era já membro do Conselho Executivo da Luta, antigo *Bureau* Político. Em 1973 assumiu o cargo de ministro-adjunto das Forças Armadas na Guiné-Bissau. Em 1975 tornou-se primeiro-ministro da República de Cabo Verde, até 1991. De 2001 a 2011 foi presidente da República de Cabo Verde. Entrevista com Pedro Pires, a 5 de Maio de 1999, na cidade da Praia, Cabo Verde, na sede do PAICV.

⁴⁷ Nascido em 1941 na ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, Honório Chantre Fortes seguiu os estudos primários e secundários no arquipélago. Foi estudante na Universidade de Lisboa, em Portugal. Após o início da guerra colonial em Angola, em 1961, foi chamado a prestar o serviço militar em 1962 e no ano seguinte partiu para esta antiga colónia portuguesa. Conseguiu fugir para o Congo Léopoldville em 1964, e após a sua fuga, juntou-se ao P.A.I.G.C.. Em 1977 foi eleito para o Conselho Executivo da Luta. Foi membro do governo em Cabo Verde durante o período do regime de partido único.

⁴⁸ Nascido em 1936 na ilha de S. Nicolau, em Cabo Verde, Osvaldo Lopes da Silva fez os estudos primários na cidade da Praia e os secundários na cidade do Mindelo e em Sá da Bandeira (Lubango), em

dois primeiros nascido na ilha de Santiago, Pedro Pires nasceu na ilha do Fogo, Honório Chantre Fortes e Olívio Pires na ilha de Santo Antão, Osvaldo Lopes da Silva em S. Nicolau e Silvino da Luz em S. Vicente. Sendo na sua maioria nascidos na década de 1930, dois deles nasceram na década de '40 (nomeadamente Honório Chantre Fortes e Olívio Pires). Tratava-se sobretudo de estudantes universitários na então metrópole, sendo que alguns tinham sido já chamados a cumprir o serviço militar obrigatório. No entanto, José Araújo tinha já terminado a licenciatura em Direito e Abílio Duarte, tendo sido funcionário do Banco Nacional Ultramarino em Bissau, tinha regressado à ilha de S. Vicente para completar os estudos liceais. De entre eles, três tiveram uma experiência migratória individual ou familiar. Assim, Abílio Duarte viveu na Guiné-Bissau entre 1949 e 1959. José Araújo e Osvaldo Lopes da Silva viveram em Angola, o primeiro desde a infância e o segundo na adolescência, onde os seus pais tinham ido trabalhar na função pública. De entre os pais destes dirigentes políticos, também o de Abílio Duarte tinha emigrado para a Guiné, onde foi missionário e o de Silvino da Luz foi marinheiro na Inglaterra. A maioria dos pais que emigraram ficaram, portanto, no espaço do império português da época, e no continente africano.

Como para a primeira geração, no caso dos irmãos Cabral, esta experiência paterna foi importante e até determinante para a trajectória dos seus filhos. Assim, aqueles cujos pais estiveram em Angola, puderam fugir do espaço político português e

Angola, onde a dada altura foi residir com o seu pai. Tendo sido estudante de Engenharia na Universidade de Coimbra, integrou em 1961 o grande grupo de estudantes africanos que fugiu para Acra, via Paris. Em 1966 licenciou-se em Economia na antiga URSS e assumiu vários cargos políticos e militares de responsabilidade no P.A.I.G.C., nomeadamente, na Artilharia. Em 1977 foi eleito para o Conselho Executivo da Luta e durante o regime de partido único em Cabo Verde foi ministro da Coordenação Económica. Entrevista com Osvaldo Lopes da Silva, a 7 de Maio de 1999, na cidade da Praia, Cabo Verde, em sua casa.

⁴⁹ Nascido no Mindelo, ilha de S. Vicente, em 1939, Silvino Manuel da Luz fez aí os seus estudos primários e secundários. Tendo partido para Portugal para iniciar os estudos em Medicina, em Coimbra, teve de abandonar o seu projecto quando foi chamado a prestar o serviço militar em 1960. No ano seguinte, foi enviado para Angola, onde a guerra tinha começado. Silvino da Luz conseguiu fugir sozinho em 1963, para a Nigéria, onde entrou em contacto com o P.A.I.G.C.. A partir desse momento dedicou-se à actividade partidária, exercendo várias funções. Com a proclamação da independência de Cabo Verde, assumiu o cargo de ministro da Defesa e da Segurança Nacionais, de 1975 a 1980 e depois o de ministro dos Negócios Estrangeiros, entre 1980 e 1991. Em 1977, foi eleito membro do Conselho Executivo da Luta do P.A.I.G.C..

Entrevista com Silvino da Luz, a 29 de Janeiro de 1998 em Mindelo, Cabo Verde, em sua casa.

⁵⁰ Nascido em 1942 na ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, Olívio Melício Pires fez aí os seus estudos primários. Depois, frequentou o liceu do Mindelo, na ilha de S. Vicente. Olívio Pires obteve uma bolsa de estudos para seguir o curso de Engenharia Civil na Universidade do Porto. Em Portugal contactou com estudantes que estavam ligados ao P.A.I.G.C. e fugiu em 1965. Foi eleito membro do Conselho Executivo da Luta do P.A.I.G.C. em 1977. Após a independência de Cabo Verde, foi vice-presidente da Assembleia Nacional Popular (Parlamento). Entrevista com Olívio Pires, a 30 de Janeiro de 1998, em Mindelo, Cabo Verde, na sede do PAICV.

juntar-se ao P.A.I.G.C. graças aos seus conhecimentos angolanos. Dito de outra forma e retomando os conceitos de Pierre Bourdieu, graças ao seu capital social. Com efeito, Osvaldo Lopes da Silva, José Araújo e também Pedro Pires foram dos poucos cabo-verdianos a integrar um grupo de várias dezenas de jovens africanos, na sua maioria, estudantes em Portugal, que no dia 27 de Junho de 1961 encetaram uma célebre fuga em direcção a França. Da Europa partiram para o Gana já independente de Kwame Nkrumah para se juntarem aos movimentos de libertação dos futuros países. Esta etapa nas suas trajectórias de vida foi fundamental para as respectivas carreiras políticas, na medida em que, como observámos na nossa tese de doutoramento⁵¹, somente os militantes do P.A.I.G.C. que saíram da clandestinidade é que chegaram a pertencer aos órgãos máximos de direcção partidária. A única excepção verificada foi o caso de Fernando Fortes, que tendo sido impedido de sair do espaço político sob domínio português após a sua detenção pela P.I.D.E.⁵² em 1961, foi eleito membro do Conselho Superior da Luta no pós-independência.

A emigração para Inglaterra explica-se pelo facto de que se trata de um pai nascidos em S. Vicente, ilha que tinha fortes laços com este país. Para além disso, este marinheiro emigrado em Inglaterra combateu durante a Iª Guerra Mundial e adquiriu a nacionalidade britânica antes de regressar a S. Vicente, onde mais tarde fundou uma família. Nesta trajectória familiar, o facto de se ter combatido e vencido uma guerra no estrangeiro já não era desconhecido. Para além disso, o pai em causa tinha-se afastado da potência colonial, ao residir num território colonizado mas detendo outra nacionalidade, neste caso, a britânica. Este facto terá certamente facilitado uma tomada de posição independente por parte do seu filho. Assim, as trajectórias profissionais dos pais puderam influenciar de forma determinante as trajectórias políticas dos seus filhos.

Conclusão

Pela análise dos dados apresentados, podemos concluir, primeiramente, que os dirigentes cabo-verdianos do P.A.I.G.C. que emigraram na idade adulta transformaram desta forma o capital cultural adquirido em capital económico, ao obterem empregos noutra colónia. No caso dos fundadores oficiais do partido, foi aí que lhes foi possível

⁵¹ Ver nota 2.

⁵² Polícia Internacional de Defesa do Estado, denominada a partir de 1968 Direcção-Geral de Segurança, polícia política do regime de Estado Novo (1933 – 1974), que actuou em Portugal, nas suas colónias e em diversos países estrangeiros.

começar a investir no campo político, dado o despertar dos nacionalismos no continente africano sobretudo a partir dos anos '50, sendo que em 1960 a Guiné-Conakry e o Senegal, vizinhos da Guiné-Bissau, já tinham obtido a independência.

Nalguns casos, foi aproveitado o capital social adquirido aquando da experiência migratória familiar no continente africano, e nomeadamente em Angola e na Guiné-Bissau. Assim, no caso da fuga de estudantes africanos em 1961, a capacidade de mobilização do capital social adquirido graças à trajectória familiar foi determinante para a futura carreira política dos dirigentes em causa.

Podemos, assim, concluir, no que diz respeito às trajectórias políticas dos dirigentes cabo-verdianos do P.A.I.G.C., que a capacidade de mobilização e transformação dos diferentes capitais obtidos através da experiência migratória individual ou familiar foi um aspecto fundamental da estratégia destes actores sociais de investimento no campo político e até, no caso de Amílcar Cabral, de obtenção posterior de capital simbólico.

Bibliografia

1. ACCARDO, A. (1977). *Introduction à une sociologie critique - Lire Bourdieu*. Bordeaux, Le Mascaret.
2. ACOLP (1997). *Liberdade, ainda e sempre...na pisada dos que lutaram pela Independência Nacional*. S. Vicente, s.e.
3. AMADO, L. (2011). *Guerra Colonial & Guerra de Libertação Nacional 1950 – 1974 – o caso da Guiné-Bissau*. Lisboa, IPAD.
4. AMÍLCAR CABRAL, sou um simples africano... (2000). Lisboa, Fundação Mário Soares.
5. ANDRADE, E. (1971). *Les causes profondes de l'émigration capverdienne à Dakar*. Dakar, s.e..
6. ANDRADE, E. (1973). *Les îles du Cap Vert: de l'esclavage à l'émigration 'spontanée' (les migrations capverdiennes à Dakar)*. Dakar, s.e.
7. BAKARY, T. (1990). *Les élites africaines au pouvoir (problématique, méthodologie, état des travaux)*. Bordeaux, Talence, IEP.
8. COUTINHO, A. (2005). *Os dirigentes do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde), da fundação à divisão: estudo de percursos individuais, de estratégias familiares e de ideologias*. Paris, Universidade de Paris I – Panthéon – Sorbonne. (tese de doutoramento)
9. CABRAL, L. (1984). *Crónica da Libertação*. Lisboa, o jornal.
10. CARDOSO, C. (1992). « A ideologia e a prática da colonização portuguesa na Guiné e o seu impacto na estrutura social: 1926 –1973 ». *Soronda - Revista de Estudos Guineenses*, nº14, pp. 29-63.
11. CARREIRA, A. (1983). *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*. Praia, Instituto Caboverdeano do Livro.
12. CORREIA E SILVA, A. (2000). *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*. Praia-Mindelo, Centro Cultural Português.
13. DURIEUX, A. (1955). *Essai sur le statut des indigènes portugais de la Guinée, de l'Angola et du Mozambique*. Bruxelles, s.e.
14. FURTADO, C. (1993). *A transformação das estruturas agrárias numa sociedade em mudança – Santiago, Cabo Verde*. Praia-Mindelo, ICL.
15. FURTADO, C. (1997). *Génese e (Re)Produção da Classe Dirigente em Cabo Verde*. Mindelo, ICL.
16. LOPES, J.V. (1996). *Cabo Verde: os Bastidores da Independência*. Praia-Mindelo, Centro Cultural Português.
17. MATEUS, D. (1999). *A Luta pela Independência – a Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*. Mem Martins, Editora Inquérito.
18. PEREIRA, A. (2003). *O meu testemunho – uma luta, um partido, dois países – versão documentada*. Lisboa, Editorial Notícias.
19. RUDEBECK, L. (1974). *Guinea-Bissau – a Study of Political Mobilisation*. Uppsala, Scandinavian Institute of African Studies.
20. SOARES SOUSA, J. (2011). *Amílcar Cabral (1924 – 1973). Vida e morte de um revolucionário africano*. Lisboa, Nova Vega.